

## FORMAÇÃO PARA AUTONOMIA: CONTRIBUIÇÕES DAS ESTRATÉGIAS JÚRI SIMULADO E DRAMATIZAÇÃO<sup>1</sup>

Marinalva da Silva Ferreira  
Mestranda do Mestrado em Ensino - PPGEnsino  
Centro Universitário UNIVATES, email: marinalva.dasilva@hotmail.com

Marli Teresinha Quartieri  
Dra. Em Educação, UNISINOS, professora do Mestrado em Ensino - PPGEnsino  
Centro Universitário UNIVATES, email: mtquartieri@univates.br

Miriam Ines Marchi  
Dra. Em Química, UFSM professora do Mestrado em Ensino - PPGEnsino  
Centro Universitário UNIVATES, email: mimarchi@univates.br

### RESUMO

Este artigo é fruto de estudos e discussões sobre o processo de ensino e da formação de sujeitos autônomos e tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a importância da utilização de estratégias de ensino em situações de aprendizagem, tendo em vista a superação das práticas pedagógicas autoritárias. Aponta a utilização de estratégias de ensino que valorizem a participação do aluno, a resolução de problemas, a criticidade e a dialogicidade como um dos possíveis caminhos para a superação da concepção da educação bancária. Nesse contexto, faz uma análise de duas experiências de situações de aprendizagem de um curso de formação continuada oferecido pela Rede Municipal de Ensino de Imperatriz/MA a estudantes de pedagogia que atuam como estagiários nas creches da referida Rede. As análises apontaram que as estratégias Júri Simulado e Dramatização possibilitam dar voz ao aluno tornando-o um sujeito autônomo no processo de ensinar e aprender.

**Palavras-chave:** Educação. Professores. Estratégias de Ensino. Autonomia.

### 1 INTRODUÇÃO

Há muito se faz críticas às práticas autoritárias e centradas no professor como cerne do processo de ensino e aprendizagem, muito se ouve dizer sobre os novos perfis de homens e mulheres exigidos para a contemporaneidade.

É nesse contexto que este artigo se propõe a fazer uma reflexão sobre as práticas pedagógicas tradicionais onde as fórmulas e os conceitos estão prontos para serem memorizados e repetidos pelos alunos. Para isso, se aponta a utilização de estratégias de ensino que valorizem a participação do aluno, a resolução de problemas, a criticidade e a dialogicidade como um dos possíveis caminhos para a formação de um aluno autônomo de sua própria aprendizagem.

Refletir sobre estes desafios e analisar práticas exitosas já desenvolvidas podem ser uma forma de manter acesa a chama e a esperança de que é possível avançar no sentido de se garantir a formação de homens e mulheres críticos, ativos e autônomos.

### 2 A ESCOLA E OS DESAFIOS DA AUTONOMIA

<sup>1</sup> Artigo elaborado na disciplina Estratégias de Ensino do Mestrado em Ensino da UNVATES.

Não é difícil perceber que o mundo mudou e continua em permanente processo de mudança. Em razão disso, faz-se necessário pensar numa escola que dê conta de garantir a formação de sujeitos autônomos, livres na construção do seu próprio conhecimento, e ativo nas situações de aprendizagem, para tanto, são imprescindíveis as metodologias que “colocam o aluno diante de problemas e/ou desafios que mobilizam o seu potencial intelectual” (BERBEL, 2011, p. 34). Assim, entende-se que estas metodologias podem permitir a construção da autonomia do educando e contribuir para que o mesmo possa ler e compreender sua realidade e tenha condições de superar desafios.

Nesse sentido, Morán (2015, p. 17), afirma que “as metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados”. Assim, se quisermos formar alunos para um mundo que exige o pensamento reflexivo, a capacidade de se reinventar, de aprender, desaprender e reaprender quando necessário e de compreender que a aprendizagem é contínua e exige a autonomia, temos que lançar mão de estratégias de ensino que nos deem estas possibilidades.

## **2.1 Júri Simulado e Dramatização: possibilidades de superação da Educação Bancária**

É diante do desafio de superação da educação bancária, que se propõe analisar duas estratégias de ensino em situações de aprendizagem nas quais os participantes se envolveram ativamente. As estratégias desenvolvidas e analisadas foram o Júri Simulado e a Dramatização e aconteceram numa formação continuada para estudantes de Pedagogia que atuam como estagiários nas creches da Rede Pública Municipal de Ensino de Imperatriz/MA.

Segundo Anastasiou e Alves (2003, p. 99), o Júri Simulado “leva em consideração a possibilidade da realização de inúmeras operações de pensamento, como: defesa de ideias, argumentação, julgamento, tomada de decisão, etc.”. Tendo em vista que a temática a ser abordada no encontro de formação era: “As interações e as brincadeiras na Educação Infantil” e considerando que o brincar muitas vezes é questionado, e por alguns mais tradicionais, até combatido, decidimos iniciar o estudo do tema com um “julgamento” do brincar na Educação Infantil.

Iniciamos o encontro solicitando que os estagiários observassem alguns brinquedos que estavam dispostos no ambiente e apontassem problemas ou possibilidades pedagógicas. Rapidamente surgiram comentários e houve uma breve tempestade de ideias. Em seguida

dividimos os participantes em quatro grupos de estudos, sendo que dois grupos levantariam argumentos de defesa da ludicidade e do brincar na Educação Infantil. Para tanto usariam além da experiência vivida, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil; os outros dois grupos, com base em estudos que fundamentam a Pedagogia Tradicional e também nas experiências vividas levantariam argumentos contrários.

Após o estudo em grupo, houve os debates (arguição, réplica e tréplica) entre acusação e defesa que ocorreu de forma tranquila. Em seguida o escrivão apresentou o relatório à juíza que leu a síntese do que fora posto por cada grupo e solicitou ao conselho de sentença que respondesse à seguinte pergunta: Pelos argumentos expostos, vocês estão de acordo com a absolvição do réu – o brincar na Educação Infantil? Os membros do conselho de sentença decidiram pela absolvição do réu. De um modo geral, a estratégia possibilitou ampla participação, o compartilhamento das ideias e o desenvolvimento da capacidade de argumentar.

Participaram do referido encontro 65 estagiários, para os quais foi solicitado que avaliassem o encontro, 25 fizeram a avaliação, todos apontaram aspectos positivos, 05 também apontaram algum aspecto como negativo. A seguir algumas falas que podem ilustrar bem as percepções sobre a estratégia do Júri Simulado.

O Estagiário E16<sup>2</sup>: *“aprendi e me diverti muito com o momento do júri”*. No mesmo tom o Estagiário E17 disse: *“Rendeu momentos de muitas risadas, mas, não fugindo do foco”*. Este pensamento corrobora com Sampaio (2010), que afirma que dentre as formas de compreensão formativa está a capacidade de articular saberes disciplinares e saberes da vida, proporcionar alegria, sensibilidade, criatividade e beleza na formação. Assim, infere-se que a estratégia Júri Simulado pôde proporcionar aos participantes momentos de alegria e sensibilidade articulando os conteúdos aos saberes da vida.

Outro aspecto positivo, foi a possibilidade de refletir sobre determinado tema ou problema, a partir de leituras diferentes sobre uma mesma temática. Nesse sentido destaca-se a avaliação do estagiário E10, que considerou positiva a estratégia por possibilitar conhecer posições diferentes sobre um mesmo tema e considerou relevante *“a fala (argumentos) de cada posição sobre o tema em estudo”*. Ainda neste mesmo sentido, o Estagiário E19 afirmou que a estratégia *“foi importante para sabermos as diversas opiniões”*.

Nesse sentido, Anastasiou e Alves (2003, p. 84) afirmam que “participar de grupos de estudos permite o desenvolvimento de uma série de papéis que auxiliam na construção da

---

<sup>2</sup> Chamaremos de E1, E2, E3... os estagiários que participaram da formação onde foi desenvolvida a estratégia Júri Simulado.

autonomia (...) do lidar com o diferente, da exposição e da contradição, do divergir, do sintetizar”. Assim, percebe-se que também neste aspecto a estratégia Júri Simulado trouxe contribuições para a formação deste aluno autônomo que se deseja.

Em relação aos aspectos que foram apontados como negativos no desenvolvimento da estratégia, 03 estagiários falaram que foi pouco o tempo disponibilizado e 02 ponderaram que os argumentos da acusação poderiam ter sido mais consistentes.

Sobre a estratégia Dramatização, sua escolha foi em razão de entender que ela “traz à sala de aula um pedaço da realidade social, de forma viva e espontânea, para ser observada e analisada pelos estudantes” (ANASTASIOU; ALVES, 2003, p. 96). Considerando que a temática da aula era a Cultura Escrita na Educação Infantil, e que dentre os objetivos buscava-se discutir e fundamentar a importância da leitura no contexto da Educação Infantil e refletir sobre o papel do professor na formação do leitor na Educação Infantil, é que se pensou em realizar dramatizações com o intuito de trazer para a sala de aula recortes da realidade vivida pelos estagiários nas instituições onde atuam.

Antes da realização das dramatizações fez-se uma leitura em voz alta da história infantil intitulada: Quem tem medo de dragão? (JOLYE; ROCHUT, 2013). Após a referida leitura abriu-se um espaço que se comentassem sobre a mesma e assistiu-se a um vídeo que demonstrava a leitura da história por um menino de 03 anos de idade, onde se percebeu que é possível apresentar a cultura escrita às crianças pequenas. Logo após, fez-se uma exposição dialogada sobre a importância da cultura escrita nos primeiros anos de escolaridade, baseada nos estudos de Bresciane (2006), que afirma que logo nos primeiros meses de vida, as histórias já devem ser inseridas no cotidiano da vida infantil, pois ao ler ou contar histórias para os bebês e crianças pequenas, se permite a interação com o mundo da leitura e da escrita.

Após a sequência de atividades supracitadas, se propôs aos estagiários a realização de dramatizações que retratassem a temática abordada. Participavam deste encontro de formação 45 estagiários que foram divididos em três equipes, cada equipe planejou, organizou e apresentou uma dramatização retratando uma situação de aprendizagem envolvendo a leitura de uma história infantil, o público que deveria ser representado era o de crianças de zero a três anos de idade. O momento das dramatizações foi rico e descontraído, os estagiários demonstraram tanto posturas apropriadas como inapropriadas para a realização da leitura e/ou contação da história e estas foram analisadas pelos demais grupos.

Assim como no encontro anterior, foi solicitado aos participantes, que avaliassem o encontro apontando aspectos positivos e negativos. Dos 45 participantes, 25 responderam a

referida avaliação e sobre a realização da Dramatização não houve quem apontasse nenhum ponto negativo. A seguir algumas considerações importantes.

Alguns apontaram que a estratégia Dramatização permite o retrato, a reflexão e análise da realidade, para o Estagiário E2.5<sup>3</sup> a estratégia “*Foi uma exposição da realidade da maioria. Foi muito proveitosa*”; o estagiário E2.7 afirmou: “*Foi maravilhoso trabalhar com a realidade que estamos vivendo*”; o estagiário E2.4 disse que foi positiva a utilização da estratégia pois a mesma pode “*trazer o que realmente acontece em sala de aula*”. Percebe-se nas falas dos estagiários, que a compreensão dos mesmos em relação à estratégia vai ao encontro do pensamento de Anastasiou e Alves (2003) que afirmam que a Dramatização pode trazer para a sala de aula parte da realidade vivida de forma espontânea e ainda permitir que a mesma seja analisada.

Outros destacaram como positivo, o fato de terem aprendido sobre os procedimentos adequados para a leitura de história na Educação Infantil. Nesse contexto, podemos destacar as seguintes respostas: Estagiário E2.22: “*pudemos ver os erros constantes e os pontos positivos na hora do conto*” e do estagiário E2.21: “*pudemos aprender o que temos que fazer no momento de contar história*”. Assim, percebe-se que a estratégia Dramatização corrobora também com o que preceitua a metodologia ativa, pois permite o pensar, o refletir sobre situações problemas do cotidiano, permitindo ao aluno e ao professor a superação de práticas bancárias de educação onde a repetição e a aprendizagem mecânica são valorizadas, entende-se que “o aprendizado se dá a partir de problemas, situações reais; os mesmos que os alunos vivenciarão depois na vida profissional” (MORÁN, 2015, p. 19).

Pode-se dizer que as estratégias analisadas exigem um perfil de aluno ativo, que critica e se envolve na busca soluções. Quanto ao professor, ele deixa de ser o centro do processo, pois o aluno é desafiado a buscar a informação em outros espaços e a refletir e propor novas situações e não apenas a reproduzir as informações já postas.

### 3 CONCLUSÃO

A partir do exposto, infere-se que é possível utilizar diferentes estratégias no ensino em que o aluno também é autor da sua aprendizagem. Evidenciando assim a importância de estratégias de ensino que permitem a participação e coloquem o aluno diante de situações de desafios; que o instiguem a pensar e refletir sobre suas práticas e sobre os conteúdos dados;

<sup>3</sup> Chamaremos de E2.1, E2.2, E2.3, ... os estagiários que participaram da formação onde se desenvolveu a estratégia Dramatização.

que contribuam para formação de pessoas que saibam se posicionar frente aos desafios diários e que valorizem o diálogo.

Pelo exposto, pode-se destacar que as estratégias Júri Simulado e Dramatização podem proporcionar momentos de reflexão sobre a realidade, de criticar, de analisar e de propor intervenções, além de possibilitar a aprendizagem de conceitos que são fundamentais para o desenvolvimento tanto dos argumentos do Júri Simulado como para a composição e análise das dramatizações.

Enfim, nas situações de aprendizagem analisadas pôde-se sentir o envolvimento, o engajamento dos estagiários na busca de aprender para desenvolver bem suas atividades, refletindo sobre os desafios postos, argumentando, enfim, alunos/estagiários autônomos, reflexivos e condutores de sua própria aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos e ALVES, Leonir Pessate (orgs.). **Processos de Ensino na universidade**: pressupostos para as estratégias do trabalho em aula. Joinville, SC: Editora Univille, 2003.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. Semestral.

BRESCIANE, Ana Lúcia Antunes. "Era uma Vez" para crianças pequenas. **Avisa Lá**, São Paulo, n. 27, p. 2-3, jul. 2006.

JOLYE, Fanny; ROCHUT, Noel. **Quem tem medo de Dragão?**. Scipione. São Paulo. 2013

MORÁN, José. **Mudando a Educação com Metodologias Ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergência Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. P. 15-33. 2015. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf). Em 10 de maio de 2016.

SAMPAIO, Ana Tânia Lopes. **Pedagogia Vivencial Humanescente**: complexidade e transdisciplinaridade para reencantar a educação. In: Conferência Internacional Sobre os Setes Saberes Para a Educação Presente. 2010, Fortaleza. **Anais...** . Fortaleza: UECE, 2010. online. Disponível em: <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/1098-07082010-222613.pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2016.